



XXI ENANCIB

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

50 anos de Ciência da Informação no Brasil:
diversidade, saberes e transformação social

Rio de Janeiro • 25 a 29 de outubro de 2021

XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXI ENANCIB

GT1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

LITERATURA INTERATIVA: A PROCURA DE NOVO CONCEITO

INTERACTIVE LITERATURE: THE SEARCH FOR A NEW CONCEPT

Cassia Furtado, Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A contínua evolução tecnológica, através da desmaterialização dos seus suportes, tem afetado de modo preciso a cultura e o entretenimento, provocando alterações em toda a cadeia produtiva e alcançando o modo de consumo. A diminuição gradativa da dependência do físico conduziu fortemente a literatura para a tela, agregando ferramentas inovadoras ao texto, transformando o livro num conjunto híbrido de narrativa, jogo, vídeo e comunidade, estimulando a interação e a cocriação. A partir de tais constatações, prosperam indagações sobre qual é a representação do termo livro no contexto atual. Este artigo é fruto da fundamentação teórica da investigação realizada no Estágio Pós-Doutoral, realizado no Departamento de Comunicação e Arte, da Universidade de Aveiro-Portugal, no período de 2019 e 2020, e propõe uma reflexão sobre a terminologia adotada para o livro no ambiente digital. Com base em pesquisa bibliográfica e com foco nas publicações das últimas décadas, apresenta-se o termo literatura-serviço para designar a literatura interativa, priorizando o aspecto interdisciplinar e destacando as repercussões que a ciberliteratura trouxe em toda a cadeia de produção e consumo da literatura, instigando questionamentos sobre o paradigma, até então vigente, em torno do livro literário.

Palavras-Chave: literatura-serviço; literatura-serviço – Ciência da Informação; livro digital interativo; aplicativos de literatura interativa.

Abstract: The continuous technological evolution has affected, in a precise way, culture and entertainment, with the dematerialization of its supports, causing changes in the entire production chain, reaching even the consumption mode. The gradual decrease of dependence of the physical had strongly led literature to the screen, adding innovative tools to the text, transforming the book into a hybrid set of narrative, game, video and community, thus stimulating interaction and co-creation. From these findings, questions about what the term book represents in the current context thrive. This article indites the theoretical basis of the research of the Post-Doctoral Internship, carried out at the Department of Communication and Art, of the University of Aveiro-Portugal, and proposes a reflection on the terminology adopted for the book in the digital environment. Based on bibliographical research and focusing on publications from the last decades, the term literature-service is introduced to the Information Science community to designate interactive literature, prioritizing the interdisciplinary aspect and highlighting the repercussions that cyberliterature has

brought throughout the chain of production and consumption of literature, instigating questions about the paradigm, until then in force, around the literary book.

Keywords: literature-service; literature-service – Information Science; interactive digital book; interactive literature apps.

1 INTRODUÇÃO

As evoluções decorrentes da tecnologia são marcadas pela velocidade e verticalidade ascendente. Em consequência, o livro, a leitura, a literatura e o leitor devem ser vistos a partir de tais circunstâncias, o que requer ir em busca da interdisciplinaridade entre áreas que permeiam o contexto, de modo a compreender e analisar a vanguarda contemporânea. Diante dessas mutações acarretadas pela tecnologia, o livro adquiriu novo significado. Inicialmente, ele passou por um processo de digitalização dos textos, originalmente disponíveis em formato físico, oferecendo a possibilidade de leitura em computadores. Hoje, de modo particular, a narrativa literária é apresentada entremeada por hiperlinks e envolvida por mídia estática e dinâmica, com ferramentas de interação, produção e partilha. Considerando o exposto, este estudo, além de tratar sobre o original formato do livro, elenca algumas das terminologias usadas para designar o livro de literatura interativa e faz a proposta de um novo termo: literatura-serviço. E insere tal discussão no âmbito da Ciência da Informação, tendo em vista que a mediação e a apropriação da informação, através da leitura literária, se situam no domínio da mesma, como igualmente a experiência de leitura e a prática sociocultural do leitor.

Tal pesquisa contemplou o estudo teórico do Estágio Pós-Doutoral, realizado na Universidade de Aveiro-Portugal¹, de 2019 a 2020. A fundamentação teórica priorizou textos que envolvem a Ciência da Informação, a Literatura e áreas afins, datados de 2010 a 2019, mas, devido à relevância de alguns trabalhos, retrocede-se um pouco dessa data, visando trazer seiva para os argumentos.

2 A PROCURA POR UM CONCEITO

O aspecto interdisciplinar da Ciência da Informação impõe um diálogo com vários campos circunvizinhos, dentre elas a leitura e a literatura que, por sua vez, também conjugam dessa característica, o que oportuniza assim uma estreita interação entre elas. E a

¹ Orientação da Professora Doutora Lídia Oliveira - DigiMedia - <http://digimedia.web.ua.pt/>

medida que tais áreas evoluem, percebe-se ainda mais convergência entre as mesmas, notadamente em consequência das inovações no suporte e conseqüentemente nas formas de leitura.

Ávila, Sirihal Duarte e Dumont (2019), em estudo sobre as práticas informacionais, entendem que o ato de ler deve ser observado como entretenimento e igualmente por sua eficácia, visto que desperta a capacidade de interpretação e reflexão. Dessa forma, reputa-se ser fundamental para o profissional da informação entender o processo de leitura e todos os fenômenos que o cercam, a fim de poder exercer a mediação com o leitor, essência da Ciência da Informação. Especialmente, nas últimas décadas, visto que a sociedade caminha para um novo paradigma, onde a leitura digital torna-se uma prática sociocultural, de modo especial para as novas gerações. Tem-se ainda que, a ciberliteratura ainda está em processo de maturidade, com crescimento vertical e dinâmico, já incidiu uma transmutação no conceito do objeto livro, na forma de ler e de trabalhar o incentivo à leitura literária.

Diante dessa conjuntura, destaca-se que ainda se observa, na esfera nos estudos e pesquisas da Ciência da Informação, lacunas sobre a leitura literária interativa e, mais precisamente, de como o suporte pode interferir na leitura e, em consequência, na mediação, na apropriação e nas experiências do leitor.

Sem dúvida, o período pós-custodial retrata uma era original e de vanguarda, apontada como a “terceira revolução da história da leitura” (NOVOMISKY; AMÉRICO, 2016, p. 158). Assim, pretende-se estimular o debate entre os pesquisadores da Ciência da Informação, com ênfase para a terminologia usada para designar o livro, neste tempo.

A leitura em suporte digital, segundo Bento, Lencastre e Pereira (2017), tem como característica a dimensão social, pois fornece acesso a outros textos disponíveis na web; o monitoramento, colocando o leitor como protagonista da sua leitura; o aspecto lúdico, resultado da participação, interação e cocriação; e a multimodalidade, tendo em vista o conjunto de linguagens que são agregadas a obra.

Convém destacar a especificidade da literatura infantil, que, desde tempos remotos, sempre apresentou um aspecto vanguardista, com a convergência de linguagens ao unir palavras e ilustrações. Depois, ao livro foram adicionados recursos mínimos de interação, como o som, o toque, a textura, e outros. Sobre isso, vale resgatar as palavras de Coscarelli em palestra realizada em 2019, quando enfatizava a diversidade de cores, tipos de letra,

formação e outros elementos que compõem o universo do livro literário infantil em suporte físico: “todo texto impresso é multimodal, ou seja, não foi inaugurado pelo digital” (informação verbal). E no momento atual, a literatura infantil, que tem como público alvo a Geração Alpha (MCCRINDLE, 2011), continua a apresentar um papel marcante em se tratando de inovação tecnológicas, sempre objetivando motivar e aprimorar a experiência de leitura das crianças.

O livro literário, ao ser inserido na cibercultura, expõe um recente formato de criação literária, originado e oferecido em meio digital e designado de ciberliteratura. Por esse motivo, todo estudo sobre tal literatura deve ter um olhar diferenciado, pois “a história contada por meio da hipermídia [...] deve ser reconhecida como um novo tipo de narrativa, tal como oral e escrita” (TEIXEIRA; GONÇALVES, 2015, p. 4).

Por maximizar o potencial comunicativo e interativo da contemporaneidade, o texto ciberliterário recebe uma nova materialidade, que, através da interação *touchscreen*, possibilita “flexibilidade nas relações entre os conteúdos que passam a assumir uma estrutura em rede, em que “nós” (palavras, imagens, vídeos, sons) do discurso se conectam com outros ‘nós’ das associações estéticas e cognitivas” (OLIVEIRA; BALDI, 2013, p. 105). Considerando o conjunto de complexidade que envolve o livro na tela nesta época, termos e definições emergiram, entre os quais citam-se: aplicativos de leitura, aplicativos de livro, *books apps*, livros eletrônicos e demais.

O termo aplicativo de livro, segundo Sargeant (2015), teve origem dentro da *App Store* da *Apple*. Kucirkova (2017, p. 1172) ressalta que “‘apps’ is used for digital interactive books and ‘e-books’ for digital books with no hyperlinks or hotspots”².

O *Diccionario Digital de Nuevas Formas de Lectura y Escritura* (CORDÓN GARCÍA et al., 2019) define aplicações de leitura como “*programas informáticos que permiten la gestión de contenidos, principalmente textuales, y el acceso a los mismos, así como la interacción con el lector usuario, facilitando en la mayor parte de los casos la adaptación del contenido*”³. Pesquisadores do Grupo E-LECTRA, do *Departamento de Biblioteconomía y*

² “‘apps’ é usado para livros interativos digitais e ‘e-books’ para livros digitais sem hiperlinks ou pontos de acesso” (tradução nossa).

³ “programas de computador que permitem o gerenciamento de conteúdo, principalmente textual, e acesso a eles, bem como a interação com o leitor do usuário, facilitando na maioria dos casos a adaptação do conteúdo” (tradução nossa).

Documentación, da Universidade de Salamanca, indicam que aplicativos de livros são “programas informáticos pero ligados a la lectura de un título determinado y que se adquieren de forma independiente en las plataformas de distribución y venta”⁴ (GARCÍA RODRÍGUEZ et al., 2014, p. 7).

O trabalho de Hidalgo e Malagón (2014, n.p.), ao abordar as mudanças do comportamento humano na leitura, intitula “books as a service”⁵ o livro digital sobre um *software* de aplicação, o qual permite o acesso ao texto e às funções a ele relacionadas e elenca as características da plataforma, especificadas a seguir.

Seguindo a tendência da maioria dos serviços culturais e de entretenimento do início do século, o livro também está na nuvem e permite o acesso ao seu conteúdo de forma mais imediata, independente do dispositivo e localização. Hidalgo e Malagón (2014, n.p.) assinalam como um dos benefícios dos “books on cloud”⁶ a oferta de dados sobre o comportamento do leitor, visto que todo seu percurso de interação com o texto fica armazenado na plataforma, possibilitando estudos e pesquisas em diversas áreas do conhecimento, tais informações significativas devem ser exploradas dentro da Ciência da Informação.

Um dos requisitos básicos para o livro na nuvem é a interoperabilidade, ou seja, a capacidade de distintos *softwares*, *hardwares*, marcas e modelos de computadores e linguagens dialogarem. Entretanto, aponta-se que, até agora, ainda não se tem uma sinergia totalmente ampla e eficaz. Alguns sistemas operacionais exigem um redesenho para a compatibilidade em cada dispositivo, o que pode acarretar dificuldades e obstáculos de acesso ao texto.

Neste estudo, considera-se que uma das particularidades mais promissoras e salutares do livro enquanto serviço, envolvendo o leitor, é a “conversation”⁷ em torno da obra. Em destaque, estão os diálogos que ecoam entre leitores e autores e entre a comunidade de leitores, pois considera-se que esse recurso pode se reverter em um grande incentivo para a leitura prazerosa. Apesar de ainda não ser comum, a narrativa pode ser

⁴ “programas de computador, mas vinculados à leitura de um determinado título e adquiridos de forma independente nas plataformas de distribuição e vendas” (tradução nossa).

⁵ “livros como serviço” (tradução nossa).

⁶ “livros na nuvem” (tradução nossa).

⁷ “conversa” (tradução nossa).

dinâmica e ser construída com base em debates e comentários acrescentados ao original. Logo, *“conversation around books has always existed. The existing limitation until now was that this conversation is realized outside of the book”*⁸ (HIDALGO; MALAGÓN, 2014, n.p.).

A cada dia, a quantidade de livros em formato digital cresce de forma lépida, acarretando dificuldades para o usuário encontrar o texto necessário ou preferido, já que a infinidade de opções dispersas e geralmente desorganizadas atrapalham essa busca. A *“discovery”*⁹, segundo Hidalgo e Malagón (2014, n.p.), exige novas ferramentas que ofereçam maneiras diferentes de acessar e descobrir o conteúdo assertivo. Aponta-se que este aspecto tem grande interesse para a Ciência da Informação, visto que a mediação da informação deve conduzir o usuário a informação positiva.

Atualmente, a indústria do entretenimento sofre uma disrupção na oferta de seu *“business model”*¹⁰, migrando da oferta do produto para a oferta do serviço. O resultado é a forma de consumo do usuário, que prioriza o acesso ao conteúdo, por saber que o mesmo estará disponível no tempo que desejar. Assim, a indústria do livro digital está se adaptando ao consumo desmaterializado. Por isso, serviços diferentes e originais nascem como modelos de negócio baseados em sistema de assinatura e fidelização, embora Hidalgo e Malagón (2014, n.p.) sugiram que a avaliação desses modelos como promissores para o futuro é insegura neste momento.

*“Openness”*¹¹, conforme Hidalgo e Malagón (2014), transforma o livro em uma série de *bits* e *bytes* e traz uma analogia do livro como um contêiner de aplicativo. Em outras palavras, um aplicativo pode ser um livro ou um conjunto em torno de um livro ou de livros pelo qual o leitor pode ler, ouvir e ver aspectos relacionados à obra. Além disso, pode fazer a fusão desses elementos com outros *bits* e *bytes* que pertencem a outros textos, com outras imagens, vídeos e áudios. Para os autores acima, esse pode ser o futuro do livro, ou somente uma fase intermediária, *“but there is no doubt that this ‘hybridization’ that some call ‘transmedia’ will be a mandatory step in in the following years”*¹² (2014, n.p.).

⁸ “a conversa em torno dos livros sempre existiu. A limitação existente até agora era que essa conversa fosse realizada fora do livro” (tradução nossa).

⁹ “descoberta” (tradução nossa).

¹⁰ “modelo de negócio” (tradução nossa).

¹¹ “abertura” (tradução nossa).

¹² “mas não há dúvida de que essa ‘hibridização’ que alguns chamam de ‘transmídia’ será uma etapa obrigatória nos anos seguintes” (tradução nossa).

García-Rodríguez e Gómez-Díaz (2016), a fim de melhor compreender o conceito do livro digital, oferecem categorias para o mesmo, tendo por base o conteúdo, o acesso e o objetivo: livro eletrônico, aplicativos de leitura e livro *apps*. O livro que nasceu de forma impressa e passou por um processo de digitalização e transformação para seu uso na tela é chamado de livro eletrônico. Os aplicativos de leitura consistem em programas de *software* específico para dispositivos móveis e que permitem aos usuários a realização de tarefas como ler, ouvir, criar e jogar. Como afirmam as autoras, o *“libro app es aquel en el que el contenido no se puede desligar de la aplicación y, a diferencia de las apps de lectura, son títulos concretos para los que se ha desarrollado un programa específico”*¹³ (2016, p. 177).

O universo dos livros digitais é múltiplo, complexo e inédito e cada vez mais se distancia de definições tradicionais, como a da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1964) que estabeleceu o livro como uma “publicação não-periódica impressa de no mínimo 49 páginas, além da capa, publicada no país e disponibilizada ao público”. Ou ainda, com o conceito contido em documentos oficiais brasileiros, como da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), NBR 6029, que trata da Informação e documentação - Livros e folhetos – Apresentação, datada de 2002, que indica o livro como a “publicação não periódica que contém acima de 49 páginas, excluídas as capas, e que é objeto de Número Internacional Normalizado para Livro (ISBN)” (ABNT, 2002, p, 3) e a Lei n. 10.753, de 30 de outubro de 2003, que Institui a Política Nacional do Livro, ao explicitar o livro como sendo “a publicação de textos escritos em fichas ou folhas, não periódica, grampeada, colada ou costurada, em volume cartonado, encadernado ou em brochura, em capas avulsas, em qualquer formato e acabamento” (BRASIL, 2003).

Diante do exposto, retomam-se os estudiosos Sargeant (2015) e Kucirkova (2017), que comungam da mesma ideia ao assegurarem que há uma falta de consenso sobre os termos. Acrescenta-se ainda o estudo de Grau, Oddone e Dourado (2013, n.p.), que confirmam a inconsistência no conceito e na terminologia, registram igualmente ambiguidade entre conteúdos, formatos, veículos e leitores de livros digitais e eletrônicos. Percebe-se então, que estudos nessa temática são tempestivos e urgentes e que podem

¹³ “livro de aplicativos é aquele em que o conteúdo não pode ser separado do aplicativo e, ao contrário dos aplicativos de leitura, são títulos específicos para os quais um programa específico foi desenvolvido” (tradução nossa).

contribuir para compreender a relação entre as especificidades do suporte, o leitor e com suas práticas de leituras, influenciadas com o decorrer do tempo.

3 LITERATURA-SERVIÇO: UMA PROPOSTA

Perante uma conjuntura na qual se faz necessário encontrar um remate para a nomenclatura apropriada, pretende-se participar da questão e evidenciar o termo literatura-serviço. O desafio é incitar o debate a respeito da proposta e de sua pertinência.

O termo literatura-serviço foi cunhado em maio de 2018 pela autora deste artigo, na Mesa-Redonda “História do Livro e da Leitura”, durante o II Colóquio Internacional sobre a História do Livro, da Leitura e das Bibliotecas. O evento foi realizado pelo Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e Práticas Leitoras¹⁴ - NEDHEL/UFMA/CNPq e teve como produto a publicação de um livro, com capítulo intitulado “O livro na web e a oferta da literatura-serviço” (FURTADO, 2019).

Os trabalhos exibidos na seção anterior integram uma parte da base teórica do estudo para delinear o termo, que busca representar a extensão da tecnologia digital na literatura, que passa a ser consumida por uma experiência *online* em plataformas de interação e partilha social, com características de onipresença e mobilidade.

O uso da palavra serviço está baseado na teoria de Wolton (2006), que trata da informação-serviço, ou seja, dos serviços informacionais oferecidos pelas novas mídias. E ainda, no entendimento de Vavolizza et al. (2019), que trata da leitura literária como uma atividade incorpórea, de trocas invisíveis entre partes (autor-leitor, leitor-leitor, texto-leitor, texto-autor). De modo que, o termo serviço é compreendido como um produto inacabado e imaterial, resultante da atividade humana, desenvolvido para responder às demandas, desejos e necessidades dos indivíduos.

Zilberman, em 2007, apontou que, quando se percebe “o livro como face material da literatura, cabe aceitar corresponder esta a uma mercadoria, artefato fabricado em quantidade por profissionais, conforme a sistemática de uma indústria específica” (p. 266). Isso significa entender a literatura como um produto pronto e produzido para o consumo. Entretanto, no presente, a literatura pode ser pensada como um serviço, visto que é uma

¹⁴ NEDHEL link: <https://www.nedhel-ufma.com.br/>

atividade em constante processo e sempre em mutação, devido a participação e cocriação dos leitores, graças as ferramentas tecnológicas, que possibilitam reelaborar o conteúdo. A literatura-serviço ocorre a partir de trocas e interações, que, somadas às referências particulares, transformam a vivência do leitor, durante o percurso de leitura e escrita digital.

O consumo de serviços literários na internet remete à experimentação, isto é, no conhecimento único e particular, com destaque para as práticas e influência mútua. As plataformas sociais de literatura-serviço incorporam a perspectiva do consumo hedônico, conceituado por Albuquerque *et. al.* (2014, p. 40) como “as facetas do comportamento de um indivíduo relacionadas aos aspectos multissensoriais e emocionais da experiência dele com os produtos e ou serviços, portanto o prazer de consumir reside na imaginação do indivíduo”. A literatura-serviço percebe o consumo como experiência, pois “pressupõe a total imersão do indivíduo em um ambiente alusivo a uma memória anterior e ao deslocamento do significado de identidades, objetos, ambientes, entre outros elementos constitutivos do mundo real” (PEREIRA; SICILIANO; ROCHA, 2015, p. 9).

Com os aplicativos de literatura-serviço, têm-se desenhos originais de produção e acesso à literatura, mas, principalmente, novas configurações no seu consumo. Nesse ecossistema literário e midiático, Garcia (2014, p. 200) destaca a necessidade de valorizar a experiência humana como condição para interpelar as transformações instauradas a partir das tecnologias emergentes.

Com base em Hidalgo e Malagón (2014, n.p.), a literatura-serviço tem como modelo de negócio a subscrição ou assinatura, que segue o formato de serviços de *streaming*, incluindo o pagamento preestabelecido em troca de acesso à obra. O mundo digital permite que a tecnologia assuma boa parte do sistema comercial, a exemplo das automações, que facilitam desde a entrega até o sistema de pagamento. Em grande parte, o modo de pagamento envolve o crédito em rede.

A conversação, descrita por Hidalgo e Malagón (2014, n.p.), tem presença na literatura-serviço com a formação de comunidades de leitores/escritores em volta da obra, e se desenvolve através de conversas e diálogos entre os usuários, com apoio das ferramentas de interação. As redes sociais, agregadas à plataforma de literatura-serviço, oferecem uma inédita interação entre pessoas, além da formação de redes egocêntricas, fundamentadas pelo interesse literário. As redes egocêntricas são comunidades que nascem a partir da

interação reativa e são formadas espontaneamente pelos intercâmbios mantidos entre dois ou mais interagentes, sejam pessoas, objetos ou ideias (FURTADO, 2013, p. 268).

Enfatiza-se o papel da curadoria nas plataformas de literatura-serviço, muitas delas compreendendo uma equipe multidisciplinar, cuja função é a seleção e organização dos conteúdos a serem integrados à biblioteca digital. Tal fato ameniza o problema registrado por Hidalgo e Malagón (2014, n.p.), “*there is no bookseller to help us*”¹⁵, que trata da dificuldade de encontrar o gênero, autor e/ou título desejado em razão da magnitude da *web*. Ademais, nos aplicativos de literatura-serviço existem as ferramentas de recomendação, favoritos e comentários, as quais são feitas pelos usuários e/ou profissionais e servem de referência para os outros leitores.

Merece sublinhar que, no caso específico da literatura para crianças já foi constatado que as famílias têm dificuldade de identificar os autores e os títulos mais convenientes para seus filhos (FURTADO, 2019) dentre as obras dispersas na *web*. Logo, “falta conhecimento e familiaridade na mediação e interação com interfaces digitais” (MENEZZI; SYLLA; PADOVANI, 2019). Nos *apps* de literatura-serviço, a oferta de livros digitais está reunida no espaço da biblioteca e, como tal, é organizada por diversas categorias, como, por exemplo, título, autores, gênero, faixa etária e nível de leitura do usuário. Tal organização, nesses aplicativos, torna mais fácil o acesso, tanto do leitor iniciante, quanto de suas famílias, assim como para a atividade de mediação da leitura.

A literatura-serviço disponibilizada em formato de *apps* tem, como uma das características, a hibridização (HIDALGO; MALAGÓN, 2014) de interfaces multimodais, que favorece a interação e a experiência sensorial do leitor. As várias ferramentas, que proporcionam interação física, intelectual ou digital (MENEZZI; SYLLA; PADOVANI, 2018, p.47), estão integradas e complementam-se, o que resulta na constituição de novas configurações e linguagens à literatura. Segundo Teixeira e Gonçalves (2015), “o livro como uma hipermídia, principalmente o livro digital de histórias interativas para criança (o *book app* infantil), destaca-se dos demais *ebooks* por sua alta capacidade interativa. Isso acarreta uma mudança radical na configuração do seu conteúdo”.

Para completar a apresentação da proposta terminológica sobre as plataformas de literatura-serviço, reconhece-se como expressiva a afirmação dos autores Hidalgo e Malagón

¹⁵ “não há livreiro para nos ajudar” (tradução nossa).

(2014, n.p.), que destaca *“we go from a ‘book as a product’ approach to the ‘book as a service’ concept”*¹⁶, além de algumas características evidenciadas pelos autores e elencadas acima.

No entanto, contesta-se o uso do termo “livro” (*book*), pelo fato deste ter como clássico conceito ser um conjunto de páginas com textos impressos ou encadernados, sendo inábil para defini-lo no cenário digital. Logo, comunga-se da ideia de Armstrong (2008, p. 1), que considera *“the word ‘book’ is so much a part of every day conversation that there is no doubt but that every reader already has a mental image and a complete understanding of what is being discussed”*¹⁷. Tal imagem mental ressaltada pelo autor remete à imagem do livro objeto. Chartier (2009, p. 12), ao comentar as transformações históricas do livro, enfatiza que *“é difícil empregar ainda o termo objeto. Existe propriamente um objeto que é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas este objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor”*.

Dessa forma, o termo livro fica à margem dos elos construídos entre o conteúdo, em especial da literatura, o arsenal da tecnologia digital e a forte interação humano-computador. A literatura historicamente planejada e ordenada em páginas compostas por textos e ilustrações, infringe esse processo de valorização das relações entre as mídias, que é a base para articulação da narrativa no ciclo de desmaterialização do livro e das práticas de leituras.

Com efeito, propõe-se a utilização do termo literatura-serviço para indicar o *software* de aplicações que incorpora ferramentas de mídias estáticas e/ou dinâmicas, podendo ainda apresentar recursos de hipermídia e/ou hipertexto. Substitui-se, portanto, os diversos termos, como *book apps*, *app books*, livros-aplicativo, aplicativos de livro, livros digitais interativos, aplicações de leitura e outros.

Considerando o fato de que o panorama contemporâneo dos livros interativos possibilitou *“shift away from the book form fator altogether”*¹⁸ (FREED; SYLLA; BRANCO, 2011), atesta-se que o termo literatura-serviço representa melhor tal contexto.

¹⁶ “partimos de uma abordagem ‘livro como produto’ para o conceito ‘livro como serviço’” (tradução nossa).

¹⁷ “a palavra “livro” é parte da conversa diária que não há dúvida, todo leitor já tem uma imagem mental e um entendimento completo do que está sendo discutido” (tradução nossa).

¹⁸ “afaste-se da forma do livro” (tradução nossa).

Em complemento, destacam-se, ainda, dois *apps* brasileiros que exibem características da literatura-serviço. O primeiro é o StoryMax¹⁹, com livros para crianças e jovens, que “é um *app* para quem quer ler com prazer e para quem quer gostar de ler” (STORYMAX, 2020). O mesmo reúne uma biblioteca de dez *ebooks*, com usuários em todo o mundo e prêmios nas áreas de educação, literatura, novas mídias e inovação. Apresenta as características da literatura-serviço de livros na nuvem, de interação e experiência multissensoriais, através de ferramentas de mídias dinâmicas, com modelo de negócio de assinatura e a curadoria para composição do acervo da biblioteca. O segundo é o aplicativo TecTeca²⁰, que surgiu no mercado recentemente e tem em seu acervo literatura infantil para crianças de até 10 anos, dividido por nível de leitura e gênero literário, com uso de recursos de gamificação e customização. O aplicativo StoryMax e a TecTeca exibem propriedades de literatura-serviço similares, porém este último ainda dispõe de uma comunidade de leitores, formada dentro da própria plataforma.

Finaliza-se conceituando a literatura-serviço como o conteúdo literário, apresentado em ambientes de hipertextualidade, interatividade, multimodalidade, valendo-se da construção social, trocas e interações que, somadas às referências individuais, transformam a experiência emocional do interagente, durante a atividade de leitura-escrita literária *online*.

Recomenda-se uma maior aproximação entre Ciência da Informação e a leitura e literatura, pois a “temática carece ainda de reconhecimento e consolidação no campo científico [da Ciência da Informação], sendo, por muitas vezes, subestimada pelos pares” (SÁ; PAULA, 2020, p.632) e também devido a proliferação de plataformas de literatura-serviço, mudando todo um modelo até então vigente e conquistando muitos leitores, em especial o leitor infantil.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tecnologia digital e móvel consagra um inédito modo como as pessoas observam, entendem e se relacionam com os objetos culturais, em destaque o livro literário. Trata-se de uma mudança radical, a partir da qual a tecnologia passa a ter um papel estratégico

¹⁹ Sotrymax, link: <https://storymax.me/app.html>

²⁰ TecTeca, link: <https://tecteca.com/>

central e não apenas de uma representação superficial e limítrofe, especialmente em relação à experiência do leitor.

A literatura-serviço, por seu caráter híbrido, enfrenta obstáculos como a própria evolução cumulativa e irreversível da tecnologia, que dificulta o seu acompanhamento e mediação por profissionais. Além disso, tem-se, ainda no século XXI, a desconfiança sobre seus benefícios, tendo em vista a maior valorização simbólica do livro físico e da palavra escrita.

Assim sendo, nesse cenário infocomunicacional mediado por tecnologias emergentes, o estudo da informação literária torna-se pertinente e imperativo, devendo se consolidar como objeto de estudos das diversas disciplinas que o envolvem. Para tal sucesso, indica-se uma abordagem interdisciplinar, um trabalho conjunto entre áreas relacionadas à Ciência da Informação, Educação, Letras, Design, Psicologia e afins. A partir dessa vertente, pode-se obter dados sobre como as atuais gerações fazem uso de determinado ambiente informacional, incluindo seus desafios, obstáculos, experiências e aprendizados. Esses novos cenários contextuais criam novas possibilidades de leitura, escrita e cocriação através das plataformas de literatura-serviço. Ademais, por meio da apropriação e transmissão, dão origem a reconfigurações cognitivas e afetivas ainda em processo de afirmação e compreensão, mas potencialmente enriquecedoras.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fabio et al. Fatores e experiências hedônicas de não compra. **Revista Global Manager**, Caxias do Sul, v.14, n.1, p. 40-59, 2014. Disponível em: <http://ojs.fsg.br/index.php/global/article/view/964/82>. Acesso em: 10 jan. 2018.

ARMSTRONG, C. Books in a virtual world: The evolution of the e-book and its lexicon. **Journal of Librarianship and Information Science**, n. 40, p. 193-206, set. 2008. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/12277>. Acesso em: 8 jun. 2013.

ARAÚJO, Carlos Alberto Àvila de; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal; DUMONT, Lígia Maria Moreira. As perspectivas de estudos sobre os sujeitos no PPGCI/UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.24, número especial, p. 85-101, jan./mar. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 6029. Informação e documentação - Livros e folhetos – Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. 10 p.

BENTO, M.; LENCASTRE, J.; PEREIRA, I. Projeto SUPERTABi: Inovação da pedagogia da leitura utilizando dispositivos móveis. *In* ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS INVESTIGADORES EM EDUCAÇÃO, 2, 2017. **Anais [...]**. Braga, Universidade do Minho, 2017.

BRASIL. Lei n. 10.753, de 30 de outubro de 2003. Institui a Política Nacional do Livro. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, Edição Extra, 31 out. 2003. p. 1.

CORDÓN GARCÍA, J. et al. **Diccionario Digital de Nuevas Formas de Lectura y Escritura**. Disponível em <http://dinle.usal.es/>. Acesso em: 5 nov. 2019.

FREED, N.; SYLLA, C.; BRANCO, P. Beyond the binding: exploring the future book. (2011). *In*: CONFERENCE ON CREATIVITY & COGNITION, 8, 2011. **Proceedings [...]**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/221629752_Beyond_the_binding_exploring_the_future_book. Acesso em: 20 out. 2019.

FURTADO, C. Literatura Infantil Digital: instrumento para o aprendizado e para o edutinamento. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL E NACIONAL DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO, 2019. **Anais [...]**. São Luís, EDUFMA 2019. p. 4007-4018.

FURTADO, C. **Rede social de leitores escritores juniores**: Portal Biblon. 2013. 360 f. (Tese). Departamento de Comunicação e Arte. Universidade de Aveiro, Aveiro, 2013.

FURTADO, C. O livro na web e a oferta da literatura-serviço. *In*: CASTRO, César; VELÁZQUEZ, Samuel (Org). **História da escola**: métodos, disciplinas, currículos e espaços de leitura. São Luís: EDUFMA; Café & Lápis, 2018. p. 605-628.

GARCÍA RODRÍGUEZ, A. et al. **Elaboración de tutoriales para el manejo de aplicaciones de lectura infantiles y juveniles**. Salamanca, E-LECTRA, 2014.

GARCÍA RODRÍGUEZ, A.; GÓMEZ-DÍAZ, R. Contenidos enriquecidos para niños o las nuevas formas de leer, crear y escuchar historias: una propuesta de clasificación. **Revista Chilena de Literatura**, n. 94, p. 173-195, dez. 2016.

GARCIA, W. Linguagem, mídia e consumo: estudos contemporâneos. *In*: REBECHI JUNIOR, A.; GONZALES, L.; MACIEL, S. **A linguagem nas mídias na era da convergência**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 195-205.

KUCIRKOVA, N. - An integrative framework for studying, designing and conceptualising interactivity in children's digital books. **British Educational Research Journal**, v. 43, n. 6, p. 1168–1185, 2017.

MCCRINDLE, M. **The ABC of the XYZ**: understanding global generations. Sydney: UNSW Press, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/328347222_The_ABC_of_XYZ_Understanding_the_Global_Generations. Acesso em: 10 mar. 2019.

MENEGAZZI, D.; SYLLA, C.; PADOVANI, S. Hotspots em Livros Infantis Digitais: um estudo de classificação das funções. *In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON DIGITAL DESIGN & COMMUNICATION*, 2, 2018, Barcelos. **Anais [...]**. Barcelos, 2018.

_____. O design de um método para avaliação da experiência de interação em leitura mediada com livros infantis em dispositivos móveis. *In: Information Design International Conference*, 9, 2019. **Anais [...]**. Belo Horizonte: SBDI, 2019.

NOVOMISKY, S.; AMÉRICO, M. **Convergencia**: medios, tecnologías y educación en la era digital. La Plata: EDULP, 2016.

PEREIRA, C.; SICILIANO, T.; ROCHA, E. “Consumo de experiência” e “experiência de consumo”: uma discussão conceitual. **Logos: comunicação e universidade**. v. 22, n. 2, p. 6-17, 2015. Disponível em:

<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/19523/16043>. Acesso em: 7 jan. 2018.

SÁ, Jéssica Patrícia Silva de; PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. Interlocuções entre Leitura e Ciência da Informação: análise de dissertações e teses sobre leitura literária no âmbito da CI. **Revista ACB**, v. 25, n. 3, p. 618-635, 2020.

SARGEANT, B. - What is an ebook? What is a Book App? And Why Should We Care? Na Analysis of Contemporary Digital Picture Books. **Children’s Literature in Education**, v. 46, n.4, p. 454–466, 2015.

STORYMAX. **Storymax**. Disponível em: <https://storymax.me/app.html>. Acesso em: 28 jul. 2020.

TEIXEIRA, D.; GONÇALVES, B. - A hipermídia como expressão do conteúdo dramático em narrativa digital interativa: uma análise em livro digital interativo infantil. **InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação**, v.12, n.1, p. 1–15, 2015.

UNESCO. **Recommendation concerning the International Standardization of Statistics. Relating to Book Production and Periodicals**. Disponível em

http://portal.unesco.org/en/ev.phpURL_ID=13068&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html. Acesso em: 20 jan. 2020.

VAVOLIZZA, R. et al. - Proposição de design de serviços para uma biblioteca pública com uma abordagem de design centrado no usuário. **Blucher Design Proceedings**. São Paulo: Editora Blucher, 2019. Disponível em: <http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/30131>. Acesso em: 6 dez. 2019.

ZILBERMAN, R. Letramento literário: não ao texto, sim ao livro. *In: PAIVA, A. et al. Literatura e letramento*: espaços, suportes e interfaces. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 245-266.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.